



Boletim de Conjuntura Econômica

Janeiro 2009

Queda do nível de emprego

Segundo dados publicados pelo Ministério do Trabalho, no mês de novembro ocorreram uma forte redução do ritmo de crescimento, fator esse associado principalmente à crise internacional. Com relação à geração de emprego na média anual foram gerados 200.000 empregos mês. Porém o mês de novembro registrou uma perda de 40.821 postos de trabalho. Contudo se analisarmos o ano de 2008, que gerou 2.107.150 postos de trabalho veremos um recorde na geração de emprego.

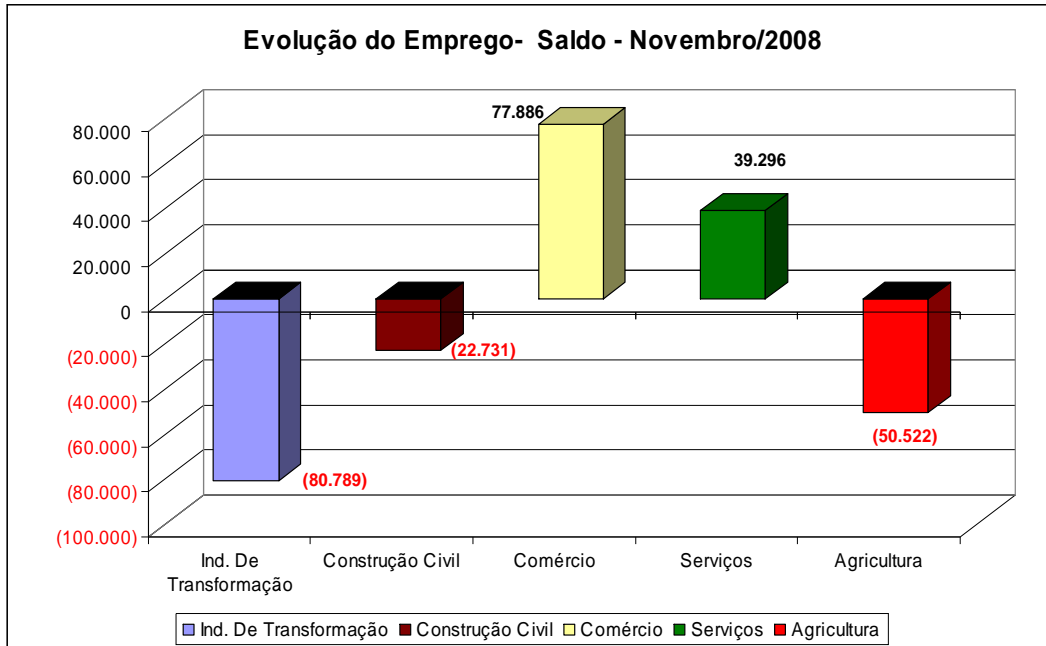
O setor de serviços foi responsável por 39.296 empregos no mês de novembro, no acumulado do ano foi o setor que mais gerou emprego no país.

O setor de comércio contratou 77.886 postos de trabalho. E foi favorecido pela sazonalidade, que é a contratação de pessoas para o natal. Porém, os setores da indústria, agricultura e construção civil tiveram redução de 154.042 postos de trabalho. Reflexo de que a crise atingiu estes setores, contudo também, com o período da entressafra e chuvas.

Porém é importante ressaltar que no acumulado do ano esses setores tiveram saldo positivo de emprego, destacando o setor de Serviços com um saldo positivo de 765.387 postos de trabalho.

Veja Gráfico 1 e 2

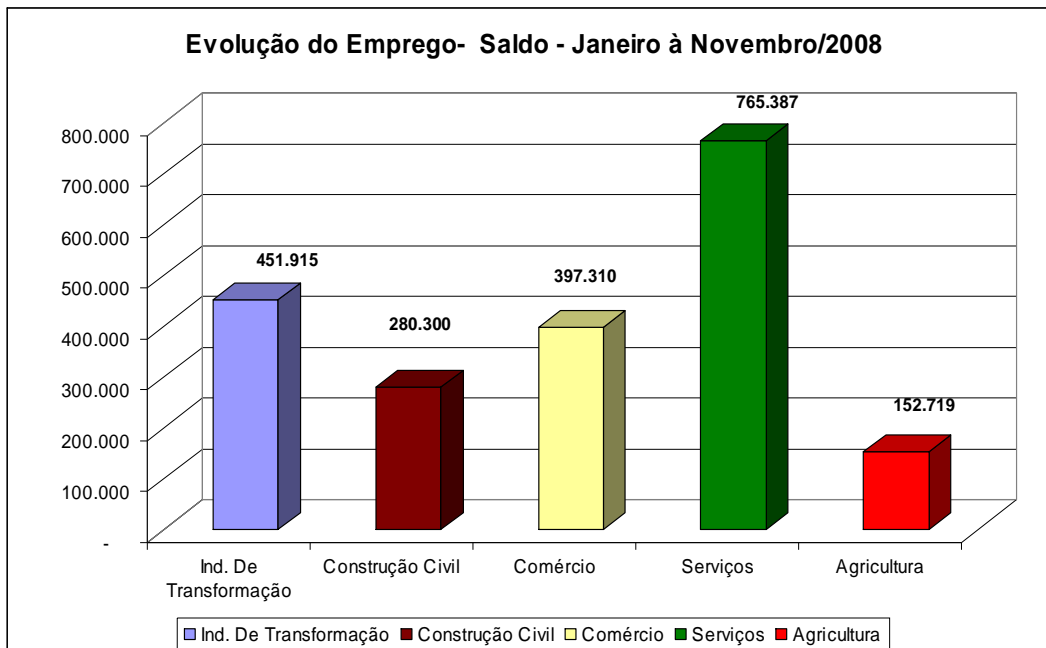
Gráfico 1



Fonte: Ministério do Trabalho

Elaboração: Confederação Nacional de Serviços

Gráfico 2



Fonte: Ministério do Trabalho

Elaboração: Confederação Nacional de Serviços



Crise no Brasil

O Brasil encontra-se em uma fase da crise, com forte desaceleração da economia real ocorrendo uma redução da produção e consumo.

Seguindo esta linha a produção industrial de novembro teve uma queda em dois meses de 7,8%. Sinal de que o Brasil esta sendo bastante atingido pela crise internacional, as empresas se anteciparam a forte redução das demandas internas e externas, além da redução da oferta de crédito que motivaram a redução da produção.

Hoje há uma redução da expansão de crédito doméstico com efeitos imediatos nas vendas de automóveis e a construção civil.

Após o inicio da crise, iniciou-se um círculo com a produção industrial em queda, vendas caindo, férias coletivas, demissões, redução de investimento, elevação do juros bancário, saída de recursos financeiros.

As empresas estão se ajustando para um ritmo de crescimento menor da economia, visto que a perspectiva do mercado é que somente a partir do 2º. Semestre a economia retome o nível de atividade mais forte.

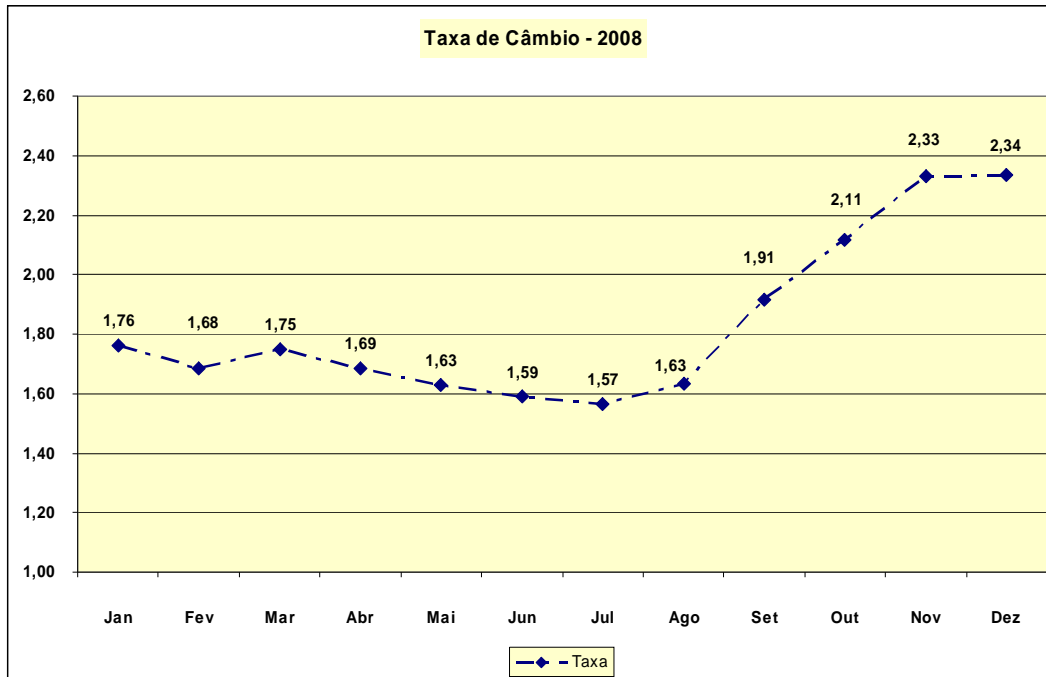
Setor externo

A economia brasileira pode ser explicada pela crise de crédito internacional que atingiu o financiamento do comércio exterior, criando dificuldades em manter o nível de produção e exportação do País.

Outro problema foi a rápida redução dos preços internacionais das commodities exportadas pelo país. Essa redução do crédito e dos preços internacionais está pressionando a taxa de câmbio e real acumulando depreciação (veja gráfico 3).



Gráfico 3



Fonte: Banco Central

Elaboração: Confederação Nacional de Serviços

Medidas

A decisão do Governo na manutenção dos Investimentos tem efeito positivo para movimentar a economia e estimular o setor privado neste sentido, esses investimentos vinham liderando a expansão do PIB e asseguram até então um crescimento sustentável da economia. Para que os investimentos continuem, faz-se necessários a redução das despesas de custeio para reforçar o investimento público.

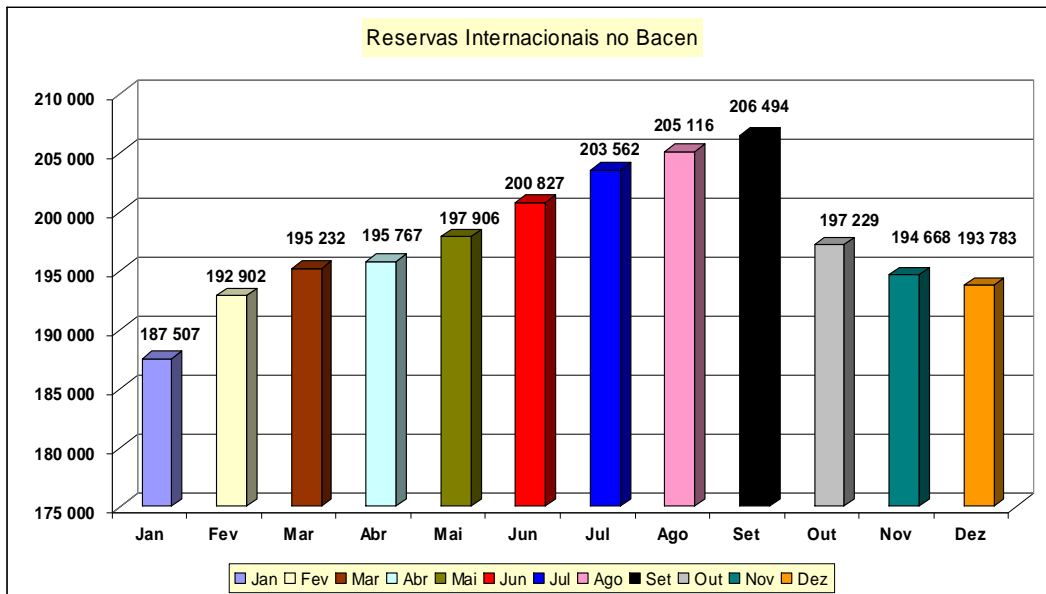
O Governo vem tomando várias medidas que visam estimular o crédito e injetar liquidez no mercado para evitar a recessão e manter um ritmo mínimo de crescimento da economia.

Essas ações vão desde a redução de impostos tributos em alguns segmentos de forte demanda, até aumento da capacidade dos bancos realizarem empréstimos e financiamento, além da utilização de parte das reservas internacionais (vide



gráfico 4) do Banco Central para o financiamento principalmente dos exportadores.

Gráfico 4



Fonte: Banco Central

Elaboração: Confederação Nacional de Serviços

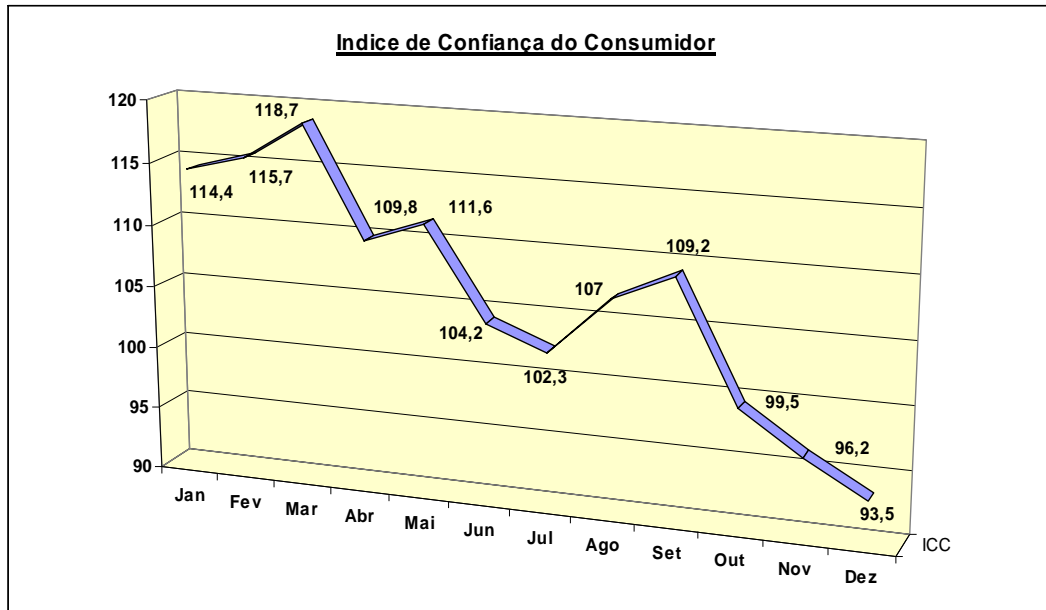
Porém estas medidas não vêm atingindo as empresas e pessoas. O principal problema é que o mundo vive hoje uma crise de confiança e não será da noite para o dia que ela será restabelecida (vide gráfico 5).

Outra medida necessária é a redução da taxa de juros Selic , visto a desaceleração da economia local em conjunto com a redução da inflação.

Os juros associado aos spreads cobrados pelos bancos também são um fator que desestimula a obtenção de recursos para financiamento. É necessário a redução de ambos, dado o seu custo elevado para a captação de recursos.



Gráfico 5



Fonte: FGV

Elaboração: Confederação Nacional de Serviços

Inflação

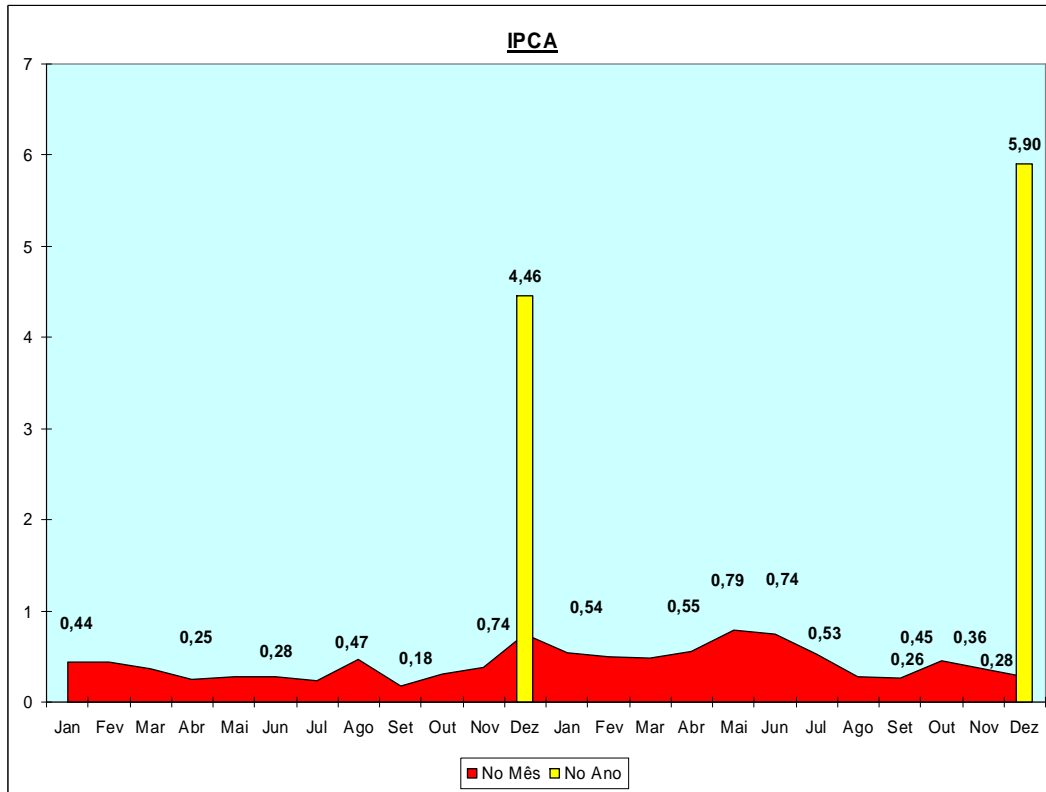
Segundo dados publicados pelo IBGE a inflação oficial medida pelo IPCA fechou 2008 em alta de 5,9%, abaixo do teto da meta que era de 6,5%, sendo que nos meses de novembro e dezembro ocorreu uma forte queda nos preços (vide gráfico 6).

Essa desaceleração vem de encontro com a crise que gerou a redução nos preços de commodities e a dificuldade de repasse da alta do dólar por causa da redução da demanda.

O principal argumento para o Banco Central manter a taxa de juros a níveis elevados é o risco inflacionário, visto que este diminuiu além da desaceleração da economia, havendo espaço para redução dos juros na próxima reunião do Copom. Essa redução é importante para que a economia retome o rumo do crescimento econômico.



Gráfico 6



Fonte: IBGE

Elaboração: Confederação Nacional de Serviços

Equipe Técnica:

- Luigi Nese – Presidente da CNS
- Prof. Dr. Marcos Cintra – Coordenador
- Carlos Eduardo S. Oliveira Jr. – Assessor Econômico